

229.1
1444

Leandro Gomes de Barros

O RECIFE



PARODIA



A^a VENDA
N. 3 — Becco do Souza — N. 3
RECIFE

A cidade do Recife

Vou tratar sobre o Recife,
Esse grande varonil,
O qual representa um quadro
De madreperola e anil,
A capital mais garbosa
Entre todas do Brasil.

Quem percorrer o Recife
Quem vê d'aquí a grandeza,
Os arrecifes do porto
Feitos pela natureza.
Inda não gostando d'elle
Ha de o gabar com certeza.

O viajante de bordo
Antes de ao porto chegar
Quando á cidade de Olinda
Principia a se avistar
Parece nas nossas vistas
Que vem surgindo do mar.

No que o barco se aproxima
Vê-se esta linda cidade
Como a virgem vaidosa
Vindo da immensidade,
Quem não souber julga ser
Uma visão na verdade.

Nas nossas vistas parece
Vel-a nas aguas brincando
Qual creancinha travessa
Nas aguas do mar nadando,
Ou uma visão etherea
Pela praia passeiando.

Ora nos parece um quadro
De uma abstracta paisagem
Quanto mais anda o navio
Mais vai crescendo a miragem
Nos parecendo ella vir
Nos encontrar de viagem.

O estrangeiro que vem
Já de seu lar com saudade
Chegando no lamarão
Tem mesmo necessidade
De saltar n'aquelle porto
E visitar a cidade.

Vamos entrar no Recife
Pelo lado occidental,

Entremos em Afogados,
Que é um ponto principal.
Depois que passar a ponte
Está a rua Imperial.

Quasi no centro da rua
Passa por um chafariz,
Adiante passará outro,
No viveiro do Muniz,
D'ahi entrando a direita
Vê adiante uma matriz.

Passa atravez do Cambrone,
Rua Vidal de Negreiros,
Adiante está Cinco-Pontas,
Se avista o forte primeiro,
Nesse forte os hollandezes
Gastaram muito dinheiro.

De Cinco-Pontas em frente
Está a rua da Assumpção,
Tem o convento da Penha,
Passa o bond no oitão,
Adiante está o mercado
Que faz chamar attenção.

Do mercado está em frente
A rua do Livramento,
Logo ao principio da rua
Tem um grande monumento,

Onde em sapatos e fasendas
Ha um grande sortimento.

D'ahi seguindo-se em frente.
Vai a rua do Queimado,
Hoje Duque de Caxias.
O nome já foi mudado,
E indo á Congregação,
Vê logo o becco de um lado.

Leitor passei quatro ruas,
Nas quaes não pude falar,
Uma foi a do Rangel
E São José de Riba-mar,
A da Praia e das Calçadas,
Que lá não póde chegar.

Mas não tem nada, seguimos
Nessa mesma direcção,
Vamos á rua do Crespo,
Caes da Regeneração,
O arco de Santo Antonio,
Que faz chamar a attenção.

Supponhamos se estivessemos
No caes da Regeneração,
Indo para a Lingueta,
Tomando-se a direcção
Pela ponte do Recife
E o arco da Conceição.

D'ahi o leitor querendo
Na Lingueta embarcar,
Entra para o Corpo-Santo.
Mais adiante tem de entrar,
Pela rua do Commercio
Que fica encostada ao mar

Ou não querendo ir por lá,
Vê logo o bond e a linha,
Passa a rua da Cadeia.
O nome antigo que tinha,
Ficando ao lado direito,
F Arsenal de Marinha.

Da Lingueta querendo,
Ir ao Brum tem de voltar,
Chega na rua da Cruz,
Vê um becco onde ha de entrar
Então passa bem na frente
Da igreja do Pilar.

Não querendo fazer volta,
Para chegar mais ligeiro,
Vai ao Barão de Triumpho,
N'um trafico de barriqueiro,
Está adiante a estação,
Que vai para Limeiro.

Agora leitor, voltemos
Ao viveiro do Muniz

Districto de São José,
Onde está perto a matriz,
Onde ha' tres linhas de ferro,
Em frente do chafariz.

Vindo leitor de Afogados,
Póde tomar direcção
A esquerda do chafariz,
Toma o bond ali, então
Passa pela rua Augusta,
Vai á rua de São João.

Deixei aqui duas ruas,
Porque estão de fogo morto,
Uma é a do Gazometro
E a travessa do Peixoto,
Que só terão influencia
Quando melhorar-se o porto.

Alem dessas inda ficam
Outras muitas sem fallar,
Devido a falta de rima
Não as pude mencionar,
Pois não havendo tres rimas
Não ha quem possa versar.

Deixei a rua do Fogo,
A rua das Laranjeiras,
Rosario Larga e Estreita,
Rua de Hortas e Trincheiras,

Rua da Paz e da Palma,
Que foram quasi as primeiras.

Como bem rua do Sol,
Que outro nome predomina
São Bom Jesus das Creoulas
A rua da Florentina,
Rua dos Ossos, Aguas-Verdes
Hoje Lomas Valentinas.

Fica a Cambôa do Carmo,
A rua do Alecrim,
Carroças, Santa Thereza,
A do Forte, a do Jardim,
Pateo do Floriano,
E muitas outras assim.

Tambem fica a rua Nova,
E a do Dr. Tobias,
Antiga rua Direita,
E hoje Marcilio Dias,
Fóra muitas que inda ficam
Em diversas freguezias.

Da ponte da Bôa-Vista
Tomemos a direcção,
Pela rua Imperatriz
E rua do Aragão,
Paysandú, Chora Menino,
Antigo nome que dão.

Existem diversas ruas,
Que me escapou da historia,
Como bem rua do Sebo,
Hospicio e rua da Gloria,
Como em Santo Antonio ficou
Rua Barão da Victoria.

Duzentas e quarenta e cinco
Ruas o Recife tem,
Tem mais vinte e nove praças,
Que essas são ruas tambem,
Duzentas e oitenta e quatro
Travessas e beccos contem.

Vinte e quatro refinações
Trabalham todos os dias
Para fornecerm assucar
Para todas as freguezias.
De hoteis tem cincoenta e quatro,
Quarenta e seis padarias.

Sendo que o leitor duvide
E se quizer que lhe prove,
Corra os beccos da cidade
Que ha de achar sessenta e nove,
Duzentas e quinze travessas
Quem achar erro reprove.

Tem quinze typographias
Aqui nesta capital,

Tem o *Jornal do Recife*,
A Imprensa Industrial,
Leão do Norte, a *Provincia*,
Correio e Pequeno Jornal.

O *Diário de Pernambuco*,
Folha de necessidade,
Que por ser a mais antiga
Impressa nesta cidade
Circula em todo o Brasil,
Até a actualidade.

Fóra agora os humoristas
Que têm sahida elastica,
Como bem *O Periquito*,
A Pimenta e a *Lanterna Magica*,
Por diversos redactores,
Rapazes de muita pratica.

Edificios importantes
Existem nesta cidade,
Como bem o Arsenal
E casas de caridade
O palacio do governo
O asylo de mendicidade.

O mercado de São José,
Lyceu de Artes e Officios,
A Casa de Misericordia
E o magestoso Hospicio

E muitas congregações
Feitas para benefícios.

Tem o convento da Penha
E a casa de Detenção,
A officina do Gazometro
E a pittoresca estação,
Cujas officinas d'ella
Existem em Jaboatão.

Temos outros edificios
Que enfeita a capital
Os dous arcos do Recife
E o Paço Municipal,
O theatro Santa Isabel
O palacio episcopal.

Temos tres trens muito extensos,
Que seguem da capital
Um segue para Alagôas
E o outro para Natal
Termina a linha em Pesqueira
Outro que sae da Central.

Enfeitiça a creatura
Que correr os arrabaldes,
Só póde voltar d'alli,
Levando muitas saudades,
A's povoações d'alli,
Parecem grandes cidades.

Como bem seja Sant'Anna,
Magdalena e Caldeireiro,
Varzea, Caxangá, Zumby,
Afflictos, Poço, Monteiro,
Estrada Nova, Arrayal,
Beberibe e Espinheiro.

A Casa Forte, a Capunga,
Parnamerim, Afogados,
Areia, Tigipió,
Que estão muitos povoados,
Sítios de flores e fructeiras,
São uns aos outros ligados.

Existem quinze quartéis
A serviço da cidade.
Um na Praça da Republica,
E outro na Soledade;
Entre a policia e a linha
E alguns por arrabaldes.

Foi o que pude fazer
Com relação a cidade,
Não fiz mais porque não pude,
Mas não me faltou vontade;
Vou fazer um novo estudo,
Melhor a obra mais tarde.

O trigo aqui nós não temos;
Temos milho e mandioca,

Da qual se faz a farinha,
O beijú, a tapióca,
Do milho faz-se o cuscús,
O mungunzá e pipoca.

Aqui os nossos terrenos
Vegetam bem o feijão,
A canna, o fumo, o cacau,
O arroz, o algodão,
Para algodão os terrenos
Melhores são do sertão.

As nossas fructas indigenas,
São cajú, maracujá,
Mangaba, jaboticaba,
Pitomba, qiti, araçá,
O camboim, o pelucho,
Oiti-coró e ingá.

A grande variedade
Aqui na nossa cultura,
De macacheira e inhame,
Nós temos grande fartura,
De qualquer um desses generos
Vive qualquer creatura.

Aqui na capital moram
Bem poucos agricultores;
Moram mais commerciantes,
Artistas e carregadores;

Empregados, jornalistas,
Almocreves, pescadores.

A's seis horas da manhã,
Já está aberto o mercado,
Alli não vê-se um cavallo
Que não seja carregado,
Para qualquer sacco entrar
Tem que pagar um cruzado.

Vem pescadores do mar,
Cada qual com seu calão.
Entra gomma e macacheira,
Que vem de Jaboaão,
Entra inhame de Victoria,
Carne de sol do sertão.

Banana de Muribeca,
Entra do Cabo batata,
Tomate de Venda Grande,
Leite em garrafa e em lata,
Entra gallinha e perú
De S. Lourenço da Matta.

Vem queijo de Itabayana,
Entra chapéo de Serrinha,
Vem fumo de Garanhuns,
Bezerros exporta farinha,
Entra couro de Pesqueira,
Entra carvão da Russinha.

Ha abundancia de peixe,
Quando as estações são boas,
Muitos mortos em currar,
Outros mortos em cambôas.
Temos grande quantidade
De mariscos pelas crôas.

A's seis horas da manhã,
Parece um tempo de ensaio,
Uma festa de Natal,
Ou terço do mez de Maio,
O canto dos transeuntes
Com taboleiro e balaio.

Agora o leitor querendo
Uma viagem asseiada,
Tomemos alli um bond
Da taboleta encarnada,
Vamos até Magdalena,
Localidade fallada.

Ou um que a taboleta
E' de côr de um azul claro,
Passa a rua do Hospicio,
E vae até Santo Amaro.
Com um cruzado vae e vem,
—Já vê que até não é caro.

Ou tomemos um que tem
Taboleta amarelaça,

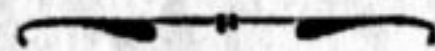
Que é Fernandes Vieira,
Este vae até á Graça.
Ahi a linha termina,
Até agora não passa.

O da taboleta branca
Vai á Estação Central,
Tambem tem branca o que vae
Do Brum para o hospital
A de Afogados é verde
De Caxias e de Herval.

Vale tudo em tempo de festa
Passeiar n'um arrabalde,
Casa-Amarella ou a Torre
Campo Grande e Soledade,
Dois Irmãos, de onde sae,
Agua aqui para a cidade.

Caminho Novo, Macacos,
Porta d'Agua e Mangabeira,
Fora de Porta e Manguinho,
Asylo e Tamarineira,
Arrombado e Rosarinho
Faz-se a viagem fagueira.

Recife—4—11—1908.



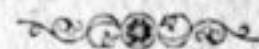
PARODIA

Quem a vida passou pelo sertão
E no couro da vacca adormeceu,
Quem não sentiu o frio de Garanhuns
Quem d'agua de Bezerros não bebeu,
Foi o ente mais feliz que houve no mundo,
Passou pela morte e não morreu.

Quem nasceu no Recife até Victoria,
De Pesqueira para cima não passou,
Não fez viagem descalço na Russinha,
Fez viagem em Gravatá não se árrancho,
Foi feliz como Adão por não ter sogra,
Viveu mais do tempo que durou.

Quem casou-se com viuva ainda moça
Que rasgou-lhe a saia preta do agouro,
Quem não teve sezões das de Victoria,
Nunca tomou café feito em Bebedouro,
Embalou-se em vaga esmeraldina
Quando nasceu banhou-se em aguas de ouro.

Quem andou nos hospitaes de caridade
Que do pão das irmães teve um pedaço
Escapou dos medicos do governo,
Foi igual ao que fugiu do cadafalso,
Esse aiada passado nas moendas
Não duvido que elle nasça do bagaço.



Typ. do *Jornal do Recife.*

5088

**O auctor, reserva os seus direitos
de propriedade**